

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular 12/06/82 Class.: KAR 00142

Pg.:

Área dos carajás em Aruanã será demarcada e protegida

O presidente da Goiastur, Aloísio Melo Rosa, revelou ontem que já foram tomadas todas as providências para a demarcação da área dos índios carajás, que vivem em Aruanã, bem como se iniciou um levantamento arquetônico do terreno. Além disso, a Goiastur irá cercá-la totalmente com tela e depois será feita plantação de bambu ao seu redor. Postes de cimento com três metros de altura serão colocados no local e as choupanas serão reformadas. Está prevista a construção de um posto destinado à venda de artesanato indígena.

Segundo o presidente da Goiastur, todas essas obras e mais um serviço de saneamento básico, que têm o objetivo de mudar a situação de penúria e miséria em que se encontram dezenas de índios em Aruanã, deverão ser inaugurados no dia sete de setembro deste ano. Aloísio Melo Rosa pretende também o imediato isolamento de toda a área em que se encontram os silvícolas, inclusive com o desvio da estrada que passava no meio da aldeia e que dava acesso a várias fazendas da região.

Solicitação

Quem primeiro tratou de levantar a situação em que se encontram os índios de Aruanã foi o sertanista Acary Passos de Oliveira, ex-diretor do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. Em entrevista à imprensa, ele solicitou do governo estadual que providenciasse melhorias para os mais de 30 índios que estão vivendo em Aruanã. Na oportunidade, o professor Acary falou da extrema miséria em que eles se encontram e apelou para a sensibilidade das autoridades.

Depois de tomar conhecimento da situação, a primeira-dama do Estado, dona Maria Valadão, solicitou à Funai um levantamento geral do problema e providências para que tudo fosse resolvido da melhor forma possível. A Fundação Nacional do Índio fez um levantamento da situação e encaminhou relatório à Goiastur, que, imediatamente, tratou de tomar as providências para a execução do trabalho de melhorias da aldeia dos Karajá em Aruanã.

A equipe da Funai que procedeu o levantamento começa seu relatório dizendo que "habitam em Aruanã 33 índios, sendo 15 adultos e 18 crianças. Moram em um lote no perímetro urbano da cidade que mede aproximadamente 15 mil metros quadrados, onde construíram seis palhoças, sem a menor condição de higiene e saneamento básico. Sua principal fonte de renda é a venda de artesanato e a pesca feita esporadicamente entra como complemento para sua renda".

"Alguns trabalham na construção civil, como servente de pedreiro, por não terem nenhuma qualificação profissional. A agricultura, que era feita em pequena escala em terras de uma fazenda na margem oposta do rio, no momento está abandonada, pois foram proibidos pelo proprietário das terras de continuarem com sua lavoura. Quanto ao aspecto de saúde, observamos que o grupo apresenta um bom estado geral. O atendimento é



YOSIKAZU MAEDA

Este é um dos ranchos onde vivem os carajás

feito através do posto da Osego, onde existe somente uma atendente de enfermagem, sem nenhuma qualificação profissional. Esta assistência também é feita pelo barco adventista Luzeiro do Araguaia, da Missão Brasil Central, que periodicamente visita a cidade, ocasião em que também os índios são atendidos".

No que diz respeito ao setor de educação, o relatório da Fundação Nacional do Índio destaca que no grupo escolar da cidade "frequentam normalmente as aulas oito crianças" e que "o rendimento das mesmas é fraco, o que constatamos através dos boletins apresentados. Uniformes e material didático são fornecidos pelo diretor do colégio e outras pessoas".

Destaca o relatório que a equipe da Funai esteve com o prefeito de Aruanã, quando este informou que o lote ocupado pelos índios foi doado por João Artiaga, falecido há aproximadamente 40 anos. Explica também que no Cartório de Registro de Imóveis da Cidade não existe documento que formalize esta doação. "O senhor prefeito nos disse, ainda, que a Prefeitura teria condições de desapropriar essa área e doá-la à comunidade carajá que lá reside e que isso só dependerá da demarcação da área. Informamos, também, que o Instituto de Desenvolvimento Urbano de Goiás — Indur — está procedendo um levantamento total na planta da cidade e que aí consta o lote onde os índios residem, como área indígena", observou o relatório.

Sugestões

Depois de pedir à Funai que entre em contato direto com a senhora Noemia Artiaga, viúva de João Artiaga, para tentar resolver o problema de doação da área dos Carajás, a equipe da Fundação Nacional do Índio faz várias sugestões para que se melhore as condições do referido grupo indígena que mora na cidade de Aruanã.

Estas reivindicações são as seguintes: regularização da área, construção de sete casas, sendo seis para os índios e uma enfermaria; abertura

de duas cisternas, construção de sete fossas secas, cercamento de todo o lote, construção de um local para comercialização de artesanato, contratação de uma atendente de enfermagem para dar assistência aos índios e servir de elo de ligação entre os mesmos e a administração; liberação de oito bolsas de estudo para fazer frente as despesas com a compra de uniformes e material escolar; a fim de melhorar o índice de aproveitamento dos escolares, contratação de uma professora da região para dar aulas suplementares, das disciplinas Matemática, Português e Estudos Sociais; pleitear junto à Prefeitura de Aruanã a doação de uma área de 15 alqueires para que a comunidade indígena possa desenvolver suas lavouras e deslocar mensalmente para a área servidores da Delegacia Regional da Funai, para atendimento aos silvícolas, tanto na área de saúde, como para uma supervisão geral de todo o trabalho que se desenvolve junto aos Karajás.

Em ofício encaminhado ao diretor geral de Operação da Fundação Nacional do Índio, o delegado regional em Goiás, Ivan Baiocchi, explica o problema dos índios de Aruanã. "Aruaná, cidade goiana localizada à margem direita do rio Araguaia e recentemente ligada à Capital do Estado por estrada totalmente asfaltada, vem se constituindo em um dos mais importantes polos turísticos de Goiás. Intensamente promovida pela Goiastur, vem, a cada ano, atraindo mais e mais turistas de todas as partes do País e do exterior.

"É fixado ali um grupo de remanescentes de um antigo aldeamento Carajá que se transferiu para a Ilha do Bananal, remanescentes estes que acharam por bem ali permanecer, desgarrados do grupo principal. Há quem afirme ter ocorrido essa cisão há mais de 50 anos; outros se referiam a menos tempo. O fato é que no decorrer desse período, pelo contato quase nulo com o grupo principal, um processo de miscigenação de razoável intensidade se alastrou entre o grupo, registrando-se hoje um acentuado grau de mestiçagem".